

reconquistado o
espaço do 25 de Abril

• entrevista

• O Jornal, nº 301

• eleições presidenciais



9 dez. 1980

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRA MINISTRA

Fundação Cuidar o Futuro



Lourdes Pintasilgo a "O Jornal"

Reconquistado o espaço do 25 de Abril

«O projecto de unidade ideológica de todos os órgãos de soberania foi claramente rejeitado pelo povo e a hipótese de partido único foi, assim, afastada», acentuou Maria de Lurdes Pintasilgo numa conversa que teve com Manuel Beça Múrias e Cáceres Monteiro, na noite de domingo, nas instalações da CNARPE (Comissão de Apelo à Recandidatura do Presidente Eanes). Para a popular chefe do V Governo Constitucional, o fenómeno da reeleição de Eanes e os números por que se traduziu o triunfo correspondem, aliás a «reconquista do espaço do 25 de Abril».

«O Jornal — Na sua opinião, que conclusões se podem tirar da vitória do general Ramalho Eanes?»

Lurdes Pintasilgo — Esta vitória significa que o tecido social da vida portuguesa se começa a estruturar para além da divisão clássica em esquerda e direita. Pela proposta que o general Ramalho Eanes traz consigo, enquanto Presidente da República, temos a possibilidade de nos projectarmos para além desta divisão — divisão que, nos últimos anos (e sobretudo neste último) se estava a acentuar perigosamente. Estamos, hoje, perante um projecto

político que representa o fim da bipolarização.

P. — Estava à espera destes resultados? E, quanto a si, a que se ficaram a dever?

R. — Bem, não estava à espera de um resultado tão bom... Parece-me que neles influíram dois fenómenos importantes. Por um lado, houve uma nítida movimentação de forças políticas. Fez-se o apelo da esquerda tradicional e parte da direita tradicional também respondeu ao apelo de Ramalho Eanes.

Por outro lado, houve um forte desejo de ultrapassar os extremismos. Os candidatos



Lurdes Pintasilgo, com Teresa Santa Clara, na CNARPE, após a vitória «Entrou-se claramente na zona da burguesia»

marginais tiveram percentagens muito baixas; e parece-me que a percentagem relativamente fraca do candidato que vem em segundo lugar mostra claramente que um projecto como o que se estava a esboçar (unidade ideológica de todos os órgãos de soberania) foi rejeitado pelo povo. A hipótese de partido único foi, assim, afastada.

P. — Parece-lhe que a morte de Sá Carneiro dois dias antes das eleições possa ter influído de alguma forma nos resultados?

R. — Não. Parece-me que esse acontecimento tocou uma outra zona que nos atingiu a todos: o respeito perante a morte, que não tem efeito eleitoral. E

isto apesar de toda a manipulação que se tentou fazer.

P. — E o que vai passar-se agora a seguir?

R. — Mas isso é líquido! Estão asseguradas as condições de funcionamento das instituições democráticas. Não há nenhuma ambivalência. Não desejo mal aos outros...

P. — Podemos agora esperar um seu reaparecimento na cena política, de que esteve mais afastada nestes últimos tempos, nomeadamente durante a campanha eleitoral?

R. — Creio que essa pergunta envolve um engano logo à partida: eu estive intensamente ligada à campanha presidencial. Só que não foi, de facto, de forma a granjear a cobertura dos órgãos de informação: os meus itinerários nunca foram coincidentes com os de Ramalho Eanes. Mas tenho muito a noção de que represento, pela minha passagem pelo V Governo e pela minha actividade pública de antes e depois, um capital de confiança importante para muita gente. Particpei na campanha como garante da presença de um naipe muito largo de forças políticas. Nesse sentido, o resultado foi positivo.

P. — E encara uma nova participação no governo?

R. — Há muitas formas de participar. A minha visão não

se esgota na superestrutura...

P. — Estes resultados correspondem, para si, à chegada da tão esperada «vaga de fundo»?

R. — Pode-se afirmá-lo. Nas legislativas, a divisão era ainda muito acentuada. Nas votações separavam-se pobres e ricos. Agora, entrou-se claramente na zona da burguesia. Para mim, este fenómeno corresponde à reconquista do espaço do 25 de Abril; o que quebra a dinâmica de direita que se estava a criar. Isto implica que Ramalho Eanes assume, agora, uma responsabilidade muito séria perante todas as forças políticas.

P. — Faz alguma associação entre estes resultados e a não existência de líderes partidários à frente da campanha de Eanes?

R. — Penso que, antes do mais, estes resultados dizem muito sobre a capacidade de mobilização popular do próprio Ramalho Eanes. Há uma relação do povo com o seu presidente-candidato que é extremamente calorosa. A não inclusão de grandes nomes políticos nas personalidades afectas a esta candidatura significa uma certa libertação dos mecanismos partidários. Foi a militância dos membros dos vários partidos que contribuiu para esta vitória — com o que cada um contribuiu em dedicação e inteligência.